

f iguras

Maria Antónia Matos de Brito é figura de relevo no ensino secundário em Oliveira do Hospital. Primeiro como professora no Colégio Brás Garcia de Mascarenhas, depois como directora da Escola Profissional “Eptoliva”.

A sua competência e dedicação ao ensino mereceram francos elogios e reconhecimento público, por parte da Autarquia local. Dos tempos mais recentes, enquanto líder na Escola Técnico/Profissional, há memórias que atestam a sua capacidade de chefia exigente, mas compreensiva e tolerante.

O CBS, em tempos, apelidou-a de “dama de ferro” pela grandeza do carácter, a exemplo da ex - governante britânica, Margaret Thatcher.

Maria Antónia Matos

FOTO: Carlos Alberto

Hugo é apenas um nome. Hoje, director comercial de uma multinacional, recorda os seus tempos de estudante na Eptoliva e, sem rodeios, nomeia quem de perto se ocupou da sua educação intelectual e profissional. O mesmo diz o Francisco, a Sandra, o Carlos e outros, sempre com a ressalva do nome da dr^a. Maria Antónia., pela importância do apoio e solidariedade,

A Eptoliva continua a ser alternativa ao ensino clássico, embora sem o “vigor” daqueles tempos difíceis, de “enormes carências financeiras, mas que foram marcantes para a equipa que assumiu a responsabilidade do projecto” – opina a ex – directora.

Em Lisboa com o pensamento no Seixo da Beira

Um feliz acaso fez com que nos cruzássemos em Oliveira do Hospital, dado que, agora, afastada do ensino, reside em Lisboa a tempo inteiro, com o pensamento no Seixo da Beira, de onde é natural, e para onde se retira de tempos a tempos para “matar saudades”. Do que se passa pela cidade, não se mostra “curiosa”.

– “Quando venho a Oliveira não estou muito interessada nas novidades que vão acontecendo por cá, nem mesmo sobre o rumo da Escola; tenho a tranquilidade do dever cumprido durante o tempo em que abracei o projecto Eptoliva e isso me basta. Se me pergunta quais as diferenças da ex- vila de Oliveira, terei de ma-



nossa região. Há “cimento”, de facto, mas a cidade é pouco humanizada. Depois, noto que têm vindo a desaparecer alguns estímulos, pese a mais valia do Ensino Superior, que todos esperamos tenha continuidade...”

Contam-se “estórias” abonatórias da

mos com ela, era de total respeito e consideração, e havia retribuição a condizer, até nos momentos de entretenimento, com apoios financeiros, por exemplo, na compra de bolas de futebol...”

– “Éramos uma família – acrescenta Maria Antónia – e talvez pela minha

prós e contras. Confesso que nunca senti quaisquer dificuldades de relacionamento, fosse em que circunstância fosse, Procurei sempre dar o melhor de mim”.

Currículo prestigiante

Como reconhecimento público da sua importância na vida cultural e académica do Concelho, a Câmara Municipal de Oliveira do Hospital, no feriado de 7 de Outubro do ano passado, prestou-lhe justa homenagem. Do currículo conhecido, saliente-se, a sua actividade política antes e depois da Revolução de Abril. De Maio a Novembro de 1974 foi membro da Comissão Administrativa da Câmara Municipal, e depois assumiu as funções de vice-presidente até 1976. Nesse período de tempo, uma das suas lutas foi a construção das Escolas Preparatórias e Secundária.

É ainda em 1978 que o Ministério da Educação requisita aos seus serviços, nomeando-a Subdirectora Geral no Instituto de Acção Escolar e Seguro Escolar, em Lisboa.

Quatro anos depois, decide regressar às origens e ao ensino. A Eptoliva é outro desafio que aceita de braços abertos, com os resultados conhecidos; no ano lectivo de 98/99, após 36 anos de serviço, coloca ponto final na docência e na liderança da Escola.

Para trás ficaram tempos de estudante aplicada, em Coimbra (licenciou-se em Ciências Biológicas com Matemática e, mais tarde, em Ciências Pedagógicas), e dez anos de professorado no Colégio

“Dama de ferro” tolerante, compreensiva e solidária

nifestar a mágoa por aquilo de que me apercebo: a cidade está descaracterizada e a vertente cultural é muito fraca, diria mesmo que está quase parada.

Perdeu-se, por exemplo, o edifício onde funcionou o Colégio Brás Garcia de Mascarenhas (o que ficou, é muito pouco!) e é assim que algumas memórias se apagam. Não nos podemos esquecer que a cidade cresceu com o colégio, que foi, sem sombra de dúvida, na altura, o expoente máximo do ensino secundário na

sua personalidade. Lembra um ex- aluno:

– “ Nos anos noventa correu a notícia que a dra Maria Antónia iria abandonar a direcção da Escola. Nós os alunos, reunimo-nos no pátio interior e organizámos uma espécie de manifestação de apoio, no sentido de não “permitirmos” que nos deixasse. A senhora foi sensível ao nosso apelo e, logo ali, decidiu que continuaria a presidir à direcção, o que nos deu enorme satisfação. A relação que mantinha-

maneira de ser, tive à minha volta pessoas que sempre me estimaram e com quem gostei de trabalhar. É gratificante encontrá-las e sentir que nos tratam com carinho e deferência, como acontece com ex- alunos do antigo Colégio. O ano passado, participei num encontro e fiquei extremamente feliz por rever pessoas de que não sabia o paradeiro há anos”.

Pergunto-lhe pelas suas preferências: leccionar ou dirigir?

– “ Cada uma das funções tem os seus

Brás Garcia de Mascarenhas. Quando em 1973 esta “casa da cultura” foi convertida na Secção Liceal, e posteriormente em Escola Secundária, a dr^a Maria Antónia assumiu a sua direcção.

Há, pois, todo um tempo de vivência que nunca será demais enaltecer, mesmo que, agora, insista em afirmar que continua “ligada à terra” desde que se aposentou, “... o passado, é isso mesmo: passado”!

Carlos Alberto